

O verdadeiro sexo frágil*

De todos os mitos e mentiras propagadas pela sociedade patriarcal (e olha que são muitos), talvez o mais absurdo e sem sentido seja a dicotomia "homem / sexo forte" e "mulher/ sexo frágil". Não há nada que ampare esta suposição em argumentos científicos, seja sob o ponto de vista físico ou mental. Na verdade, como vamos mostrar o que constatamos submetendo esta questão a uma reflexão minimamente crítica é exatamente o contrário. O verdadeiro sexo frágil é o homem, não é difícil concluirmos de forma imparcial. Então, fica a pergunta, por que esta ideia é tão difundida? Vejo dois motivos para isso.



Sem dúvida, em primeiro lugar há uma interpretação empírica típica do senso comum. A força bruta masculina, nossos braços fortes e musculosos, está em contraste com a delicadeza do corpo feminino. Esta delicadeza, erradamente, costuma ser confundida com fragilidade, embora nem precise de dados estatísticos para provar que o organismo da mulher é mais resistente, vivendo em média bem mais tempo que o homem..

Ao longo da história, muitas verdades do senso comum se espatifaram contra as conclusões científicas. O sol não gira ao redor da Terra, como um dia todos acreditavam. Então, por qual motivo ainda continuam acreditando que a mulher é mais frágil que o homem? É neste ponto que entra a segunda explicação.

A ideia de que a mulher é o sexo frágil é um dos pilares centrais da sociedade patriarcal. Toda dominação masculina ao longo dos séculos, seja em âmbito público ou privado, partia do princípio de que a mulher era um ser frágil, que precisava ser protegida, resguardada dos males e perigos mundanos. Assim, mito e senso comum se alimentam mutuamente, enquanto o mundo, digamos assim, é destruído quando os homens resolvem guerrear como demonstração de força, como se, simbolicamente, estivessem medindo o tamanho de seus pênis.



Felizmente, para a humanidade, a sociedade patriarcal desmorona diante de nossos olhos. O que ainda resta claro é forte o suficiente para nos oprimir, mas não é capaz de frear a liberdade de reflexão, ou o questionamento sobre os mitos que nos cercam.

"E primeiro Deus fez o homem". Será mesmo?

A teologia cristã diz que, primeiro, Deus, com o sopro da criação, fez o homem a sua imagem e semelhança. Depois, com a costela deste primeiro homem, como se fosse um mero acessório, talvez com tempo livre sobrando, aproveitou para fazer também a mulher. Claro, em uma cultura patriarcal, as narrativas sagradas sempre deixam para a mulher um papel secundário, embora, saibamos os organismos que surgem a partir de outro já existente são mais evoluídos, mas a questão não é exatamente esta.

Todos nos aprendemos na escola que mulheres são XX, enquanto os Homens são XY. Não é de hoje que uma série de estudos mostra que, inicialmente, todo ser humano é gerado como XX. Depois, em alguns, o cromossomo Y é ativado, transformando-o em um ser XY. Em outras palavras, nasce um homem. A primeira constatação óbvia é: A Mulher é o modelo original dos seres humanos, apenas alguns deixam de ser mulher para virar homem.

Pois bem, é sabido que o cromossomo Y tem bem menos genes que o X. Alguns mais radicais vão dizer que o Y é uma mutação, um erro que, com o tempo, estaria sendo corrigida pela própria natureza, tendo em vista que o cromossomo Y vem se degenerando ao longo dos milênios. Não, não vou dizer que, como homem, eu sou um erro da natureza, apenas que, como portador de um cromossomo Y, estou suscetível a uma série de doenças e transtornos que é bem mais difícil atingir as mulheres. Ora, a explicação é simples.



A mulher tem dois X, de forma que, qualquer falha em um dos X, o outro compensa. Como o homem só tem um X, o problema aparece. Não vou elencar doenças para deixar este texto um tanto quanto chato, mas basta uma pesquisa rápida para constatar.

"Tem que ter culhão". Mas pra que exatamente?

A frase "Tem que ter culhão" merece estar num tópico à parte. Imaginem se vocês, mulheres, tivessem o ovário para fora do corpo, apenas envolvido por um tecido flácido e fino? Ao vestirem uma calça, precisariam ajeitar o "saco do ovário"

para ele não incomodar. Claro, ninguém pode tocar no seu "saco de ovário", muito menos acidentalmente ser vítima de uma bolada ou um chute, pois você, mulher, sabe que se contorcerá de dor.

Sem dúvida, os testículos masculinos são um remendo da natureza, um garrancho grosseiro de algo mal feito. Se a sociedade diz que "tem que ter culhão", qual é exatamente a vantagem de ter isso entre as pernas? Um órgão tão importante literalmente pendurado para fora do corpo. Poucas coisas na natureza são tão frágeis quanto os testículos masculinos, sem falar no pênis, que é uma projeção externa do órgão sexual. Certa vez, li que uma mulher pode conhecer um homem por inteiro, mas um homem nunca verá totalmente a intimidade de uma mulher, e isso é correto. O conjunto formado pelos pênis e testículos deixa o homem exposto, um atestado único de fragilidade. Tudo bem, a natureza nos fez assim, não há do que se envergonhar, mas por que se orgulhar? Somente a narrativa de uma sociedade com valores invertidos como a patriarcal pode, utilizando exatamente o que deveria ser o símbolo da fragilidade masculina, transformá-lo exatamente no oposto, ou seja, o símbolo da força e da virilidade. Já está na hora de tratarmos o assunto com seriedade, né?



"Homens não choram". Mas deveriam...

Valerie Solanas, uma das pensadoras feministas que eu mais admiro, sobretudo pela ousadia de não escrever com meias palavras., bem ao seu estilo vai direto ao ponto nesta passagem do "Scum manifesto": "O macho é uma fêmea incompleta, um

aborto ambulante, mutilado no estágio de gene. Ser macho é ser deficiente, emocionalmente limitado. A condição masculina é uma deficiência, e os machos são inválidos no setor emocional". Tudo bem, talvez falar em deficiência seja exagerar um pouco, mas, o X da questão (sem qualquer trocadilho com o cromossomo), é que o homem é uma criatura emocionalmente incompleta.

Neste caso, além da genética, entra também o peso da sociedade patriarcal. Desde jovem, o menino aprende a controlar seus sentimentos, pois ele é moldado a agir de forma não natural. A expressão de sentimentos, como a compaixão, é bastante limitada, tendo que se enquadrar às regras socialmente aceitas para o papel do homem. Pura bobagem, meninos são meninos e tem sim (por que não?) o direito de chorar, ou de expressarem qualquer outro sentimento que a sociedade ache inadequado. Inadequado para quem exatamente? Esse controle sobre os sentimentos é só um exemplo de como a sociedade patriarcal tira a liberdade dos homens, embora muitos sequer percebam que não são livres.

Vejam, por exemplo, a confusão mental de um menino que, na escola, vê o desempenho das meninas ser superior (e, de fato, esta é a tendência desde que a igualdade passou a reinar na relação entre os gêneros). Desde que nasceu ele aprendeu que, no dia a dia, a mulher é apenas um ser de segunda classe. Como pode, aquele ser inferior, estar numa condição superior a ele? Para complicar a situação, conforme ele for crescendo e iniciando as relações de trabalho, nos dias de hoje sempre terá uma mulher mais destacada. Evidentemente não são todos, mas, neste contraste entre o mundo idealizado pela sociedade patriarcal e, atualmente, o mundo real em que as virtudes das mulheres sobressaem, muitos apelam para a violência como reação, ou então para o recrudescimento de posturas sexistas e homofóbicas.



De fato, mentalmente, a maioria dos homens não está preparada para as transformações de nossa sociedade, pois, neste aspecto, homem também é o sexo frágil. Sempre foi conhecido o fato dos machos demorarem mais para amadurecer (se é que um dia realmente chegam a amadurecer), e, mesmo adultos, o homem precisa emocionalmente se completar numa mulher, de forma a compreender seu real papel no mundo. É neste ponto que, ao nos abirmos para a filosofia da supremacia feminina, tudo passa a fazer sentido.

Sou homem, o verdadeiro sexo frágil, e, reconhecendo minha fragilidade, olho para uma mulher como a criatura mais perfeita da natureza, sentindo emanar uma força que sequer sou capaz de compreender. E esta força que vens de tu, mulher sexo forte, acolhe minhas mais secretas dúvidas e incertezas. E assim venceremos juntos o que resta do patriarcado.

***Enviado por rick e aprovado e produzido pelo CONSELHO EDITORIAL**